

Por uma economia com face humana

Brasil

Gilberto de Mello Kujawski

A Economia é uma "selva selvaggia" onde os fortes devoram os fracos, um sistema diabólico de forças irracionais que estrangula o homem indefeso, roubando-lhe a vida e o trabalho para crescer indefinidamente. O Socialismo, ao tentar humanizar a Economia, submetendo-a às normas da Justiça Social, não conseguiu mais do que desativá-la, remetendo a máquina da produção para a sucata. João Paulo dos Reis Velloso, em artigo da maior importância publicado no **Caderno de Sábado** deste JT (3-3-1990), começa recordando o "Paradoxo de Martinez", mencionado por Ralf Dahrendorf: "Em visita à Nicarágua, em 1986, verificou estarem os supermercados sempre de prateleiras quase vazias. Esse fato foi explicado pelo seu interlocutor, o ministro das Relações Exteriores (o Martinez do paradoxo, obviamente), nos seguintes termos: antes da revolução, os supermercados estavam sempre de prateleiras cheias, mas a maioria da população pouco podia comprar. Hoje, há pouco à venda, mas a população pode comprar o que lá está. Desta forma, o **Paradoxo de Martinez** assim se enuncia: 'A revolução transformou um mundo de abundância para poucos em um de escassez para todos'". Em outras palavras: "Do crescimento sem redistribuição para a redistribuição sem crescimento". Em suma, a revolução, ao querer dividir a galinha dos ovos de ouro, foi obrigada a matá-la. Não seria melhor estudar um processo de aumento da produção dos ovos, de modo que chegassem para todos, preservando intacta a galinha? Esta é a proposta de Reis Velloso na série de estudos que tem divulgado pelo Fórum Nacional sobre a estratégia do desenvolvimento brasileiro. Na noite de ontem, 8 de março, lançou no BNDES, no Rio, o livro **As Perspectivas do Brasil e o Novo Governo**, que reúne as conferências realizadas no Fórum Nacional em janeiro último, com ampla participação de todas as correntes políticas e ideológicas hoje empenhadas na modernização da sociedade e do Estado no Brasil.

Humanizar a Economia significa conciliar crescimento com redistribuição, tarefa que requer uma estratégia de desenvolvimento acima do dilema "concentrar a riqueza ou redistribuí-la", ou do renitente maniqueísmo direita x esquerda. A lógica da **redistribuição sem crescimento** vem ilustrada pelas palavras de um político da esquerda do PMDB: "... Uma verdade aritmética simplés: é urgente tirar de quem tem para dar a quem não tem". Este simplismo aritmético, além de não levar a nada, só agrava as desigualdades. É um "jogo de soma zero", consistente em reduzir a renda de certos grupos em valor absoluto, para dar a outros. O resultado, em termos de benefício real é zero, redundando em mais inflação e inquietação social. "Outra alternativa é procurar um círculo virtuoso, capaz de, pelo crescimento sustentado, gerar a **formação gradual (mas relativamente rápida) do verdadeiro mercado de consumo de massa**." Enquanto as classes de renda baixa sacrificarem o consumo de bens básicos a favor da procura dos bens duráveis, como a televisão, não haverá verdadeiro mercado de consumo de massa no Brasil. A estratégia básica do desenvolvimento se define, pois, **pelo processo de crescimento sustentado** (salários reais crescentes, recuperação gradual do salário mínimo, prioridade aos bens de salário etc.) e pelo **investimento maciço em Capital Humano** (concentrado em saúde pública, saneamento básico, alimentação básica).

A meta da estratégia do desenvolvimento é realizar uma democracia de massas, capaz de vencer a inflação, realizar o crescimento pela via do mercado, com certa intervenção do Estado, e promover a reforma social. A instrumentalização dessa estratégia exigirá: a criação de modernos partidos de massa para representar os trabalhadores, a expansão de uma economia de mercado sujeita a controle social, e a consolidação de um Estado dominado pelo interesse público.

A renovação dos partidos de massa será impossível se não cuidarem urgentemente da própria desradicalização, bem como da dissociação do populismo e do corporativismo sindical ou burocrático, optando (sem trocadilho) pela reforma, em lugar da revolução.

Em suma, talvez a estratégia formulada por Reis Velloso possa sintetizar-se na opção pelo mais amplo pluralismo de idéias, sem perder de vista, jamais, a lógica do crescimento sustentado. O pluralismo se manifesta eficazmente pela **desideologização dos meios**, importante no Brasil para dissolver certas tendências ultranacionalistas e estatizantes na ação política da esquerda, e interesses especiais que impedem o estabelecimento de regras de jogo transparente na ação política da centro-direita.

A afirmação do mercado, como instrumento básico da produção, mas sob controle social, significa a domesticação do capitalismo brasileiro. A institucionalização das relações trabalho-capital, com base na liberdade sindical, num ambiente de livre negociação, com interferência mínima do Estado, será a domesticação do conflito social. Finalmente, a institucionalização da reforma social, como forma de evitar as polarizações tipo Bélgica e Índia, evitará o irrealismo do tipo da reforma agrária tentada no início da Nova República e das reivindicações que oscilam do radicalismo à pura inocuidade.

Em síntese, "coração quente e cabeça fria", generosidade nos objetivos e parcimônia nos meios. Objetivos humanos, sociais, instrumentalizados com grande competência técnica e política. "Enfim, economia humana, sem populismo".

Todo o problema está em descobrir a forma de vencer o Golen, a estratégia mais eficaz para domar a megera da Economia. O profundo pessimismo que envenenava o século XIX, presente em Darwin, em Freud, em Marx, convenceu a este último que somente a violência, a conflagração revolucionária seria apta a humanizar a Economia. O comprovado fracasso deste método e a experiência madura da História conduziram o homem do século XX ao realismo: a revolução está descartada, seu lugar foi tomado pela reforma, num espírito amplamente pluralista, sem rupturas violentas, mas respeitando-se a continuidade (não o continuismo) da vida histórica. O negro pessimismo dos profetas novecentistas foi superado de vez. Nem a luta pela vida consagra fatalmente o mais forte, nem o homem oscila, pendularmente, entre o instinto do prazer e o instinto da morte, nem a subversão sanguinária das estruturas é indispensável para humanizar a Economia, bastando a reforma. A Megera domada se transformará e se transforma numa Princesa encantada.